

Eleições Presidenciais Alianças amplas ajudam a mudar imagem

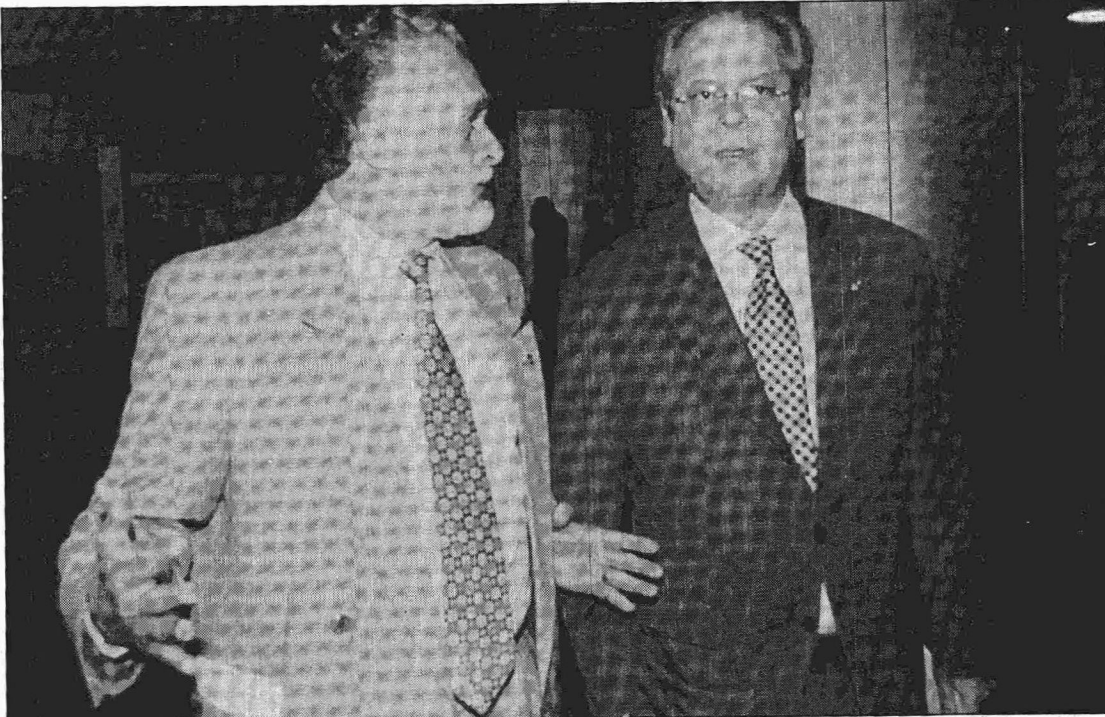
GERALDO MAGELA-08/06/00

De qualquer forma, a pavimentação do caminho para daqui a dois anos está em curso. Tanto que o próprio presidente de honra do PT, Luiz Inácio Lula da Silva, já anunciou que procurará o PMDB e o PPS de Ciro Gomes, no ano que vem, para a formação de uma aliança em 2002. "Agora não, porque é preciso deixar cicatrizar as feridas", diz ele, que sonha em concorrer pela quarta vez à Presidência. "Apesar do nosso crescimento, reconhecemos que não vamos vencer eleições sozinho", emenda o deputado José Dirceu, presidente do PT. No primeiro round, o PT saiu das urnas com 11,9 milhões de votos - montante bem maior do que na última eleição para prefeito, em 1996, quando obteve 7,9 milhões. Somente nas capitais conquistou 5,1 milhões dos votos válidos (excluindo os nulos e em branco). Está no páreo em 16 das 31 cidades que terão segundo turno para a escolha do prefeito. Mais: pelas pesquisas, tem chance de vencer nas seis capitais onde concorre (São Paulo, Porto Alegre, Recife, Curitiba, Goiânia e Belém). "Passamos períodos difíceis, de pregar no deserto, mas hoje somos uma grife que representa firmeza e coerência na política", afirma o deputado

federal Marcelo Deda (PT-SE), eleito prefeito de Aracaju no primeiro turno. Deda quebrou um jejum eleitoral de 15 anos, já que a única capital do Nordeste administrada pelo PT, até então, havia sido Fortaleza, com a tumultuada gestão de Maria Luiza Fontenelle.

Para Lula, o partido está "colhendo o que plantou" com programas de governo elogiados em administrações petistas, como o Orçamento Participativo de Porto Alegre e o Bolsa-Escola, no Distrito Federal. Os dois fazem parte de uma lista de projetos do partido que ganharam o prêmio FGV-Ford. "O PT não está cor-de-rosa, está é mais calejado para governar", argumenta Lula, que visitou 418 cidades no primeiro turno e já iniciou a caravana para assessorar candidatos do partido nessa segunda etapa. Nem mesmo o bom desempenho demonstrado por Marta Suplicy, que vai duelar com Paulo Maluf (PPB) no dia 29, faz Lula endossar as análises de que o PT virou burguês.

"Os analistas políticos têm é de explicar como a Marta, com um perfil político mais amplo do que o espectro ideológico, fez a campanha mais petista e mais vermelha do que qualquer companheiro faria", ironiza. "O que eu falo



DEPUTADOS José Genoíno e José Dirceu defendem alianças mais amplas para o partido

não é só fruto da minha cabeça", observa Marta. "Falo com a minha entonação, do meu jeito, mas o conteúdo é do partido." A cara do PT mudou, na sua avaliação, porque o mundo é outro. "O PT tem 20 anos, gente!", exclama. "Há 20 anos eu não fazia política e o Genoíno tinha saído da guerrilha do Araguaia."

Nem todos, porém, acham que o PT deve chutar o debate ideológico para escanteio. "Sou da turma da intolerância", avisa a líder do PT no Se-

nado, Heloísa Helena (AL). Integrante da Democracia Socialista - facção considerada "de esquerda" no petismo -, ela torce o nariz para algumas alianças que têm sido feitas nesse segundo turno. "Não deveríamos procurar determinadas personalidades políticas, que só estão indo para os braços do PT porque precisam ressuscitar", define.

O deputado Milton Temer (PT-RJ) concorda: "Grande parte da direção do PT está encantada com a ordem, mas

a população que escolheu o partido votou encantada com a simbologia da oposição", afirma. Temer vai mais longe e sustenta que a candidata do PT à Prefeitura do Rio, Benedita da Silva, perdeu a vaga do segundo turno para César Maia (PTB) justamente porque a campanha foi despolitizada. O moderado Genoíno tem outra versão. A equação política, para ele, é bem mais simples: briga interna mais divisão da esquerda dá derrota na certa.